

Puizia populá x poesía popular: A propósito do modismo na falsa "Poesía Matuta"

JOSE MARIA TENORIO ROCHA

(Brasil)

"Eu já sinti nesça vida
Munta ligria i prazê
Foi pôca zora pruçê
Aquela mardita dama
No ôto dia bem cêdo
Cuage mi mata di mêdo
Quando vi ela na cama"

(A dama do inferno.
Antonio Aurélio de Moraes)¹

Estes versos são de um poeta natural de Atalaia, Alagoas, que tem por profissão a arte de sapateiro. Vive em Maceió e, na tenda onde exerce sua profissão, exhibe poesias, copiadas em papéis e presas na parede. Algumas são de caráter lamentista como esta:

"Coitado do sapatêro
Qui veve lambendo sola
Sentindo o chero de cola
Trabaiando o dia inteiro
Di dia num tem dinhêro
Mode comprá a cumida
E na hora da drumida
Sua muié chama nome
Os fios ohora cum fome
Tudo é disgosto na vida."²

Várias outras possuem caráter de crítica social, como Minha casa de Coabre:

"Me iscrivime na Coabre
Há muitos anos atrás
Que nem muié tenho mais
Meu recibo já sumiu
Já tô veio, pusementado

¹ Moraes, Antônio Aurélio de. Versos de um lambe-sola. Maceió, out. 1981.

² Lima, Nunes. Versos de un lambe-sola. Gazeta de Alagoas, Maceió, 11 mar. 1979.

Tres governo foi mudado
E a casa não saiu
Será o salário mimum
Ucupado é o sinhô
Qui num tem dó nem compaixão.

É do livro desse poeta e da sua "criatividade extraordinária" que nos fala a apresentadora da obra, a poetisa Enid Lisboa de Magalhaes, e, dessa apresentação, traçaremos algumas considerações.

Afirma a poetisa: "sua linguagem matuta (...) é arte de um artista nato (...) que constrói frases de matéria bruta (que) traduz, inegavelmente, a realidade do homem matuto, sincero (...)"

Se a preocupação do artista é retratar, recriar ou construir poeticamente a ação, vivência e luta do matuto (do matuto, não do caipira, pois caipira é termo empregado no sudeste, não no nordeste), ele, com sua poesia, não no nordeste), ele, com sua poesia, não esta assim procedendo, porque a nossa realidade, com a TV, o rádio de pilha e outros mecanismos de comunicação de massa, dão provas insofismáveis de que o homen abandona os seus falares regionais, tradicionais, para aceitar as imposições do rádio e da televisão "que são as mais corretas". Qual a função do Jornal Nacional se não essa de transformar o Brasil, de norte a sul, leste a oeste numa aldeia global?

A priori, chega-se à conclusão de que a sua poesia é falsa, por não retratar a realidade do matuto atual. Se assim procede o poeta, pensa

³ Lins, Stéfane & Pedrosa, Paulo: Antonio Aurélio (Lambe-sola) um poeta sem fardão, Academia ou livro publicado. Tribuna de Alagoas, Maceió, 2 dez. 1979.

no homem como se ele tivesse ficado fossilizado durante oitenta a noventa anos, e não tivesse acompanhado, mesmo que palidamente, o desenvolvimento social do nosso tempo. Se em outra alternativa pensássemos que ele se autoretratasse, com a sua cultura e o seu linguajar, mesmo neste estágio, também sua poesia seria aberrante e falsa, porque o homem que escreve: "Cuaje", "Ligria", é o mesmo que assim se expressa em prosa:

"Estes versos dão continuidade ao meu trabalho"

"Tostão foi um grande craque da Seleção Brasileira de futebol"

"Eu suponho que um só proprietário de panificação..."

Ou, em trabalhos poéticos colhidos por Rosivan Wanderley⁴ surgem palavras assim escritas: ficando, melhor, aguentar, etc. Quando, para haver maior coerência na temática, deveria ser grafado: ficano, milho, guentá.

Estamos então diante de um escritor de dupla personalidade: é o prosador erudito que também escreve poesias que imitam a poesia folclórica.

Continua Enid: "O leitor dar-se-á conta de uma grafia particular, criada pelo próprio autor, que se preocupa com uma identidade total entre o falar e o escrever caipira (...)"

Ora, no trabalho do poeta não existe uma linguagem ou grafia particular, porque ele não cria, mas imita Catulo da Paixão Cearense. Ze da Luz e tantos outros que vieram depois dele. E mais, ele não é, nem poderia ser um Guimarães Rosa, que "inventava" palavras, inovava a forma de comunicação, propunha novas abordagens, enfim.

Finaliza a apresentadora: "Em toda a obra, a sua temática e todo o seu processo poético acusam originalidade."

As poesias não podem ter tanta originalidade, desde quando, embora escrevendo sobre temas atuais, o autor repete até imagens poéticas e recursos retóricos contidos em Zé da Luz e Catulo, por si só, dois falseadores da poesia brasileira.

A Antonio Aurélio, tomado como exemplo primeiro, porque está mais em evidência atualmente, deveriam anteceder dois poetas: Eugênio Calheiros e Waldir Moreira Rodrigues. Os dois eram alagoanos, os dois foram "poetas matutos", os dois morreram.

⁴ Wanderley, Rosivan. Antonio Aurélio e sua poesia popular. Mocidade. Maceió, Ano XXX, no. 46, dez. 1976.

"Meu fio vai sê dotô", de Eugênio, mostra esse tipo de poesia:

"Antonce seu Zé Firmino
É certo que o seu minino
Tá prendendo prá dotô?
Priguntei eu astrudia,
A um chefe de fãmia,
E ele antonce arrespostô:
—É verdade, sim sinhô"⁵

Ao tempo em que recitava as tais poesias matutas, o poeta compunha desta maneira:

"Pálido e exangue como um branco lírio,
Sob a penumbra deste apartamento
Sinto em mim esta dor, este martírio:
Tal qual se o mesmo fosse um detento!
E depois? E depois também nos vêm
Os desgostos, maus transe e desdém,
Os queixumes, as máguas e o sofrer!"

Membro de Academia Maceioense de Letras, Waldir Rodrigues Moreira enfeitou muitos Saraus declamando assim:

"É, sá dona, faz vergonha
Vormicé querê casa
Cum esse pobre violêro
A sinhora é fromada,
É muito bem inducada
E istudou nas iscola;
E eu só seio cantá
E tocá nesta viola
Prá se sambá no terrêro"⁶

Mas, ao sentir saudades da terra, o bardo solta o verbo e diz em versos eruditos e líricos:

"Caldo de cana,
Não posso mais te cantar;
Cada verso ém um pesar
Me aumentando a nostalgias
Que sinto neste degredo,
E antes que esta saudade
Que agora mesmo me invade
Faça a musa se calar"⁶

... E agora, José?

Quando estamos em meio a grupos de estudantes ou estudiosos e falamos em poesia popular, logo alguém lembra de Zé da Luz. E ficam intrigados quando procuramos provar que o poeta não fazia produção folclórica. —Por que não?— É a pergunta rápida.

Se consultarmos os livros "Diccionario Bio-Bibliográfico de repentistas e poetas de ban-

⁵ Calheiros, Eugênio. Gravata e chapéu de couro. Poesias. Maceió, 1962. s.n.t.

⁶ Moreira, Waldir R. (Rodrigues) Lira Cabôca. Conceição da Paraíba (Capela, Alagoas), 1948, s.n.t.

cada⁷ e o Dicionário do Folclore Brasileiro⁸ e, mais, livros diversos que tratem de poesia popular, não encontraremos menção alguma a Zé da Luz e a Catulo da Paixão Cearense. Por que não?— Porque simples mente eles não foram poetas folclóricos e, sim, poetas eruditos que, ao invés de escreverem dentro de seu universo vocabular, preferiram engendrar palavras, entortá-las e pressupor que era assim que o matuto falava.

Ora, por seu estágio cultural ser erudito, suas produções poéticas devem ser enquadradas no universo erudito. Acontece que esses poetas, com a finalidade de conseguir maior prestígio, serem diferentes, não poetavam ou não poetam como escrevem em prosa, ou falam costumeiramente. Essa produção falsa, essa chamada impropriamente poesia matuta, não é erudita, pelo próprio teor lingüístico ou retórico, e não é folclórica, porque não é feita realmente pelo homem do povo, que, quando vai escrever algo, pede que alguém faça a correção gramatical.

Portanto, Catulo da Paixão, poeta erudito e "poeta matuto" que fazia sucesso na primeira década deste século⁹ e Zé da Luz, seu seguidor, influenciaram uma plêiade de poetas, que, como vimos, ainda hoje teimam em continuar fazendo poesias que não condizem com suas cosmovisões ou seu grau cultural.

O crítico literário Agripino Grieco analisando a obra de Catulo, diz: "ele nos transporta a um sertão, simples elemento decorativo (...) sertão de cidadão, (...) domesticado, de quem nunca viu uma onça de perto, e, percorrendo a roça, prefere dormir no hotel, a dormir no mato"¹⁰

Tratando da poesia matuta, diz o saudoso mestre Theo Brandão: "A poesia matuta (...) não passa de um falso aproveitamento folclórico, como acontece com a pseudo poesia popular de Catulo da Paixão Cearense e de seus infelizmente inúmeros e até afamados seguidores, que a nosso ver não passam de cultores daquilo que os americanos, há poucos anos, denominaram de falso folclore ou Fake-lore (...)"

⁷ Almeida, Atila Augusto F. de & Sobrinho, José Alves. Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada. I. Editora Universitária, João Pessoa, 1978.

⁸ Cascudo, Luis de Câmara. Dicionário do folclore Brasileiro. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1954.

⁹ Maxado, Franklin. O que é Literatura de cordel? Codecri, Rio de Janeiro, 1980.

¹⁰ Grieco, Agripino. Apud Brandão. Théo. Influência da poesia folclórica na poesia culta. Revista da Academia Alagoana de Letras. Maceió, Ano VI, no. 6, dez. 1980.

"Catulo —continua o mestre— (faz) mistificação do verdadeiro folclore: um pastiche."¹¹

Fato que causa espanto é estarem os violeiros, aqueles que produzem poesia de repente (e por causa disso causam enorme admiração), vez por outra parando a cantoria e dizendo bem alto: Agora eu vou declamar uma "poesia matuta" de minha autoria! E recita. Nem ao menos canta, como é fato usual.

Poderíamos supor que o fenômeno acontecesse apenas com violeiros pequenos, de poucos recursos poéticos, mas, ficamos boquiabertos quando ouvimos isso da boca de um Otacílio Batista, Rouxinol do Norte ou João de Lima.

A poesia que vem a seguir, escrita por Manoel Pereira de Lima, repentista alagoano, e oferecida ao autor deste trabalho, mostra esta faceta atual. Ao poeta solicitamos que escrevesse a poesia da forma como ele fala normalmente, assim, poderíamos ter a versão matuta e a versão natural, ou como deveria ter sido escrita: (Trate do coipo).

Forma inicial

Meu cumpade eu vou conta
Uma istora de valô
Voimicê trate do coipo
Cumo aconceia o dotô

Tu intenda qui o coipo
É sujo qui é danado
Oui se nói num tumá banho
Num andá todo tratado
Inté o suó catinga
Cum o grude misturado (...)

Forma modificada

Meu compadre eu vou contar
Uma história de valor
Você trate do seu corpo
Como aconselha o doutor.

Entenda que o nosso corpo
É sujo que é danado
Que se nós não tomar banho,
E não andar bem tratado
Até o suor catinga
Com o grude misturado (...)

Quando morre a cantoria, o poeta Geme de dor...

Consultando vários violeiros alagoanos e de outros estados nordestinos sobre o fato da aceitação popular da poesia matuta, declamada e não cantada, afirmaram os canta

¹¹ Lima, Manoel Pereira. Poesia matuta: Trate do coipo. MS oferecido ao autor. Maceió, fev. 100...

dores que o público presente em cantorias é quem pede esse tipo de manifestação poética.

A eles dizemos sempre: ora, se o violeiro é artista do povo, o artista é quem tem que propor o que deve ser cantado, e cabe ao povo selecionar aquilo que melhor lhe agrada. Se o violeiro para o repente e diz: "Agora eu vou declamar uma poesia matuta" e coloca toda a sua alma de poeta nesta composição, o povo val aceitar e pedir bis.

Penso que o fato foi iniciado por proposta do artista, não com o povo; coube ao povo aceitar, gostar e pedir mais uma.

Evidentemente que os violeiros declamam esse tipo de composição poética motivados pelos inúmeros programas de Rádio e Televisão, onde a apresentação maior é de duplas caipiras do sudeste/centro-oeste (como é o caso do Som Brasil da Rede Globo de Televisão), que vivem uma realidade do sudeste do Brasil.

Logo, querendo ser comparados aos violeiros das rádios e televisões, os cantadores estão matando o que possuem de mais puro: o repente, a poesia circunstancial, os versos feitos com o fato que acontece no instante que cantam.

Claro que não desconhecemos o que dizia Manoel Neném: "Todo bom violeiro possui o seu armazém de cantigas", isto é: observando os cantadores maiores, ou mesmo seus pares, fazendo boas imagens poéticas, o violeiro decora, faz adaptação e solta o verso oportunamente.

O que é fato é que se se continua a fazer o que se faz atualmante, vai chegar o dia em que desaparecerá o repente e ficará apenas a poesia matuta, feita calmamente em casa e declamada, em meio a aplausos do público.

Ora, os repentistas estão a cometer o mesmo crime contra a sua arte, que as artesãs do Pontal da Barra, Maceió, Alagoas, que, ao tempo em que confeccionam e negociam file de sua produção, vendem peças industrializadas, feitas no Ceará, como se fosse produção artesanal de sua autoria.

Resta para nós lamentar e dizer tristemente:

Quando morrer a cantoria,
O poeta gemerá de dor.